



REVISTA INTER-LEGERE
WWW.CCHLA.UFRN.BR/INTERLEGERE

**IMPACTOS DO PRONAF B SOBRE O MEIO RURAL NA REGIÃO NORDESTE:
MUNICÍPIOS DE APODI E ANTONIO MARTINS/RN – RELATÓRIO DE UMA PESQUISA**

**IMPACTS OF PRONAF B ON THE RURAL ENVIRONMENT OF THE NORTHEAST REGION IN APODI
AND ANTONIO MARTINS COUNTIES, RN STATE: RESEARCH NOTES**

Aldenor Gomes da Costa¹
Thalita Costa da Silva²

RESUMO

Trata-se de um relato de pesquisa de campo realizada entre os dias 15 e 21 de novembro de 2006 nos municípios de Apodi e Antônio Martins, ambos no Rio Grande do Norte, acerca dos impactos do Pronaf B (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar). Tentou-se observar as condições de vida dos (as) beneficiários (as) do referido Programa após a sua implementação. Para tanto, foram aplicados questionários, tentando mensurar o trabalho, a saúde, a educação e a alimentação dos (as) beneficiários (as) e de seus dependentes. Através desses questionários, pôde-se perceber que ainda há precariedade, no entanto, as melhorias são perceptíveis para esse grupo de pessoas analisadas.

¹ Professor Dr. Do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFRN.

² Aluna do Dpto. De Ciências Sociais/UFRN, bolsista de Iniciação Científica/CNPq da Base de Pesquisa Cultura, Política e Educação.

Quarta-feira (15/11/2006)

Sou um homem interessado no espetáculo do mundo.
JOSUÉ DE CASTRO

Saímos de Natal por volta das 06h do dia 15 de novembro de 2006, para realizar pesquisa acerca dos impactos do *Programa do Governo Federal Pronaf B*³. Tal pesquisa foi coordenada pelos professores Aldenor Gomes, Anieres Barbosa e Fernando Bastos, todos vinculados à UFRN. A mesma abrangia dois municípios: Apodi e Antônio Martins, ambos no interior do Estado do Rio Grande do Norte, na mesorregião do Oeste Potiguar. Além do Rio Grande do Norte, outros estados também participaram da pesquisa: Paraíba e Sergipe.

A nossa equipe era constituída por cinco estudantes do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sendo um do mestrado em Ciências Sociais (Denes Dantas – coordenador do grupo) e os demais, alunos (as) de graduação (Emerson Henrique, Raimundo Rodrigues, Sabrina França e Thalita Costa).

Apesar do calor intenso e da distância, não conseguíamos nos desviar do anseio por novas descobertas. A distância atiçava ainda mais nossa curiosidade para saber o que nos esperava nas duas cidades, ou melhor, o que poderíamos esperar dessas cidades.

Seguíamos em frente, nos admirando com paisagens que, ao mesmo tempo, demonstravam ser encantadoras e desesperadoras. De um lado e de outro, a seca se mostrava intensa e, em alguns pontos, víamos sinais de vida:

³ Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) destinado ao apoio financeiro das atividades agropecuárias e não-agropecuárias exploradas mediante emprego direto da força de trabalho do produtor e da produtora rural e de sua família.

No caso do Pronaf B, são beneficiários e beneficiárias os produtores e as produtoras rurais que se enquadrem nas seguintes características:

- agricultores e agricultoras familiares, inclusive remanescentes de quilombos, trabalhadores e trabalhadoras rurais e indígenas que:

- a) explorem parcela de terra na condição de proprietário, posseiro, arrendatário ou parceiro;
- b) residam na propriedade ou em local próximo;
- c) não disponham, a qualquer título, de área superior a quatro módulos fiscais, quantificados segundo a legislação em vigor;
- d) obtenham renda familiar oriunda da exploração agropecuária ou não-agropecuária do estabelecimento;
- e) tenham o trabalho familiar como base na exploração do estabelecimento;
- f) obtenham renda bruta anual familiar até R\$ 2.000,00, excluídos os proventos vinculados a benefícios previdenciários decorrentes de atividades rurais.

o verde se destacava entre os ramos mortos e ressequidos. Sinais do bicho homem se mostravam vez ou outra, vestígios de sobrevivência.

Chegamos a Apodi por volta das 10 horas e 30 minutos e nos instalamos em uma pousada da cidade. Lá revisamos nosso roteiro, pois naquele mesmo dia iniciaríamos o trabalho.

Em Apodi precisávamos aplicar 63 questionários, cada um com 13 páginas, demorando cerca de 1 hora para sua conclusão.

Estávamos preparados para sair às 14 horas, contudo, esperamos pelo motorista que nos foi indicado pela prefeitura, por cerca de 1 hora e 30 minutos. Em torno de 15 horas e 30 minutos, saímos da cidade em direção ao Sítio Melancias. Para encontrar os (as) beneficiários (as) que seriam entrevistados, estávamos munidos com uma lista com seus nomes e respectivas localidades. Entretanto, encontramos algo que dificultou nossa busca, um detalhe, mas, nem por isso, menos importante: a falta de apelidos dos (as) beneficiários (as).

Foi uma longa busca; depois de muitas idas e vindas, conseguimos, no primeiro dia, entrevistar duas pessoas. A possibilidade de não conseguirmos atingir o número necessário de questionários nos deixava apavorados.

Deixamos um entrevistador em uma casa, para que fizesse a primeira entrevista e seguimos em busca de mais beneficiários (as) da lista. Encontramos apenas uma, depois de muito procurar. Como era um lugar distante e não havia mais esperança de encontrar, pois já estava bastante tarde, acompanhamos a segunda entrevista do dia, realizada por uma das entrevistadoras.

Nesta entrevista, começamos a ter noção da realidade em que vive o povo da região e as contradições do destino dado ao benefício cedido pelo governo. Pouca coisa havia sido modificada em relação ao plantio e à criação de animais. A alimentação, conseqüentemente, era pouco diversificada e basicamente sustentada por milho e feijão, como na maioria dos casos. A entrevista foi finalizada ao anoitecer. Somente na volta reencontramos o outro entrevistador.

Ao retornarmos à pousada, discutimos sobre qual seria a melhor estratégia para que conseguíssemos atingir os objetivos da pesquisa.

Quinta-feira (16/11/2006) – manhã

Nas terras pobres e famintas do Nordeste brasileiro, onde nasci, é hábil servir-se de um pedacinho de carne seca com um prato bem cheio de farofa. (CASTRO, 2003, p. 25).

Às 8 horas seguimos em direção à Emater/RN (Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural) e, lá chegando, já encontramos alguns (mas) trabalhadores (as) rurais nos aguardando, pois ouviram seu nome em lista divulgada pela rádio. Alguns iam apenas conferir se seu nome estava na lista.

Finalmente realizei minha primeira entrevista, a segunda e a terceira. Foi quando comecei a ouvir dos (as) trabalhadores (as) relatos sobre o seu sofrimento.

Foi na segunda entrevista que passei pelo sufoco de iniciante. Quando questionei a beneficiária acerca do futuro de suas filhas, se a mesma gostaria que elas seguissem um caminho diferente da agricultora, a resposta foi a seguinte:

Minha filha, você está achando que aqui está calor, não é? Aqui é coberto. Olhe lá pra fora, imagine o sol na sua cabeça e veja porque eu não quero que minhas filhas passem por aquilo.

Eu, claro, fiquei sem saber o que falar. Só fiquei pensando no quanto deveria ter violentado aquela senhora, que muito trabalhava, mas poucos eram os resultados verificados: pouco ela e seu marido podiam oferecer às suas duas filhas e a si mesmos.

Mas o que eu senti talvez tenha sido amenizado, pois não cheguei a ver a realidade daquelas pessoas, realidade que muitas vezes pode ter sido negada pelos mesmos ao falarem sobre si. Havia outras pessoas por perto; isto pode, de alguma forma, ter inibido os (as) beneficiários (as). Mas aqui pude ver

a importância e o quanto a vida daquelas pessoas havia sido modificada após o recebimento do benefício do Governo Federal.

Quinta-feira (16/11/2006) – tarde

Depois de almoçarmos, fomos adiante com a pesquisa. Decidimos deixar sempre um (a) pesquisador (a) em uma comunidade e seguiríamos adiante, pois, de acordo com a lista, tínhamos em torno de 2 ou 3 beneficiários (as) em cada localidade. Deixamos um entrevistador na primeira comunidade e, para que ele não precisasse procurar os demais beneficiários (as) na comunidade, fomos até os mesmos e falamos acerca da pesquisa. Até aí, tudo estava tranquilo, pois encontramos todos os (as) beneficiários (as) a serem entrevistados (as).

Passamos para a próxima, acreditando que encontraríamos as pessoas da lista, pois a experiência com a comunidade anterior nos deixou bastante animados. Nessa comunidade, deveríamos entrevistar duas beneficiárias, contudo, depois de muito procurar, conseguimos encontrar uma. Na casa desta beneficiária deixamos uma pesquisadora. Ainda havia outras comunidades a serem visitadas, por isso a deixamos e fomos para as demais.

Na comunidade seguinte, onde haveria outros (as) beneficiários (as), só encontramos um. Lá, ficou um pesquisador.

Fui confiante para a comunidade adiante, pois lá, segundo a lista, havia três beneficiários (as). Contudo, a busca foi em vão. Para minha decepção não conseguimos encontrar nenhum (a) beneficiário (a). Decidi, depois de procurar em toda a comunidade, que iria para a próxima; contudo, o motorista foi categórico em dizer que não seguiria, o que gerou um certo constrangimento. No entanto, o mal-estar logo foi resolvido. No caminho de volta, até encontrar os demais pesquisadores (as), fui conversando com o motorista, que me disse não receber há três meses, além de ter que arcar com a manutenção do veículo. Somente o combustível estava por conta da prefeitura.

No caminho de volta, deparamos com uma chuva torrencial que nos revelou a hospitalidade das pessoas do campo. Conversamos bastante com a

beneficiária e sua mãe, que nos falaram sobre alguns problemas que enfrentam na comunidade. Exemplo disso são os casos de doença de chagas não cadastrados na Secretaria de Saúde. Vimos também a estrutura precária do local. Diversas vezes tivemos que desviar das goteiras que não eram poucas, mesmo dentro da casa.



Foto 1: Fogão à lenha

Num pedaço de terra, bem próxima ao mar, vivo perto de meu fogo, fogão a lenha que me aquece, que preparo meu alimento, que me guarda!

(Autor desconhecido)

Depois de muito tempo, a chuva cedeu e seguimos para concluir nosso dia de campo, pois já estava tarde. Na passagem de volta, buscamos o último pesquisador. Achávamos, até então, que já havíamos passado o sufoco, mas, quando ouvimos a história, desse pesquisador, vimos que havíamos passado por quase nada. Segundo o mesmo, quando começou a chover, os donos da casa o chamaram para dentro da casa, feita em taipa, mas enquanto esteve lá dentro, sentia um medo imenso de que a mesma viesse ao chão.

Foi contando pelo que passamos e analisando novas formas de se conseguir atingir a meta que concluímos nosso dia. Precisávamos estar preparados para o que viria mais adiante.

Sexta-feira (17/11/2006) – manhã

Na manhã anterior não precisávamos do carro para nos locomover, já que o trabalho foi realizado na própria cidade, na sede da Emater/RN. Contudo, na manhã de hoje, precisaríamos ir aos sítios do município. Para tanto, entramos em contato com o motorista que nos acompanhou no dia anterior, o qual nos disse que o carro estava com problemas de lanternagem, pois a chuva havia estragado algo no carro. De imediato, a Emater/RN nos ofereceu o carro e o

motorista da instituição, mas tínhamos que conseguir o combustível. O coordenador do grupo conseguiu falar com uma pessoa da Secretaria da Agricultura que disse que poderíamos pegar gasolina, em determinado posto, em seu nome.

Ao chegarmos ao posto, fomos mais uma vez surpreendidos (as): a pessoa não possuía crédito no posto e só poderíamos conseguir a gasolina se tivéssemos autorização do prefeito ou de uma outra pessoa da prefeitura, responsável para autorização. Tentamos, em vão, falar com o prefeito, mas conseguimos falar com a outra pessoa. O coordenador do grupo havia ficado na cidade para ir a algumas rádios e esperar que, de repente, algum (a) beneficiário (a) chegasse. Tive que falar com a pessoa responsável para que autorizasse a liberação da gasolina e ainda negociar a quantidade, pois a disponibilizada não seria suficiente. Se não tivéssemos alcançado ao menos este objetivo, não tínhamos como voltar à sede, pois nem para isso havia combustível no carro.

Seguimos para os sítios, os quais eram mais afastados das cidades. Encontramos algumas pessoas, sempre tendo a dificuldade devido à falta de apelidos; assim, estava cada vez mais difícil encontrá-las. Conseguimos fazer em torno de cinco ou seis questionários, pois os sítios eram distantes uns dos outros.



Foto 2: Plantação de banana

Encontramos aqui grande diversidade na plantação de frutas e hortaliças.



Local de difícil acesso e quase impossível de ser cultivado.

Foto 3: Local pronto para o cultivo

Sentimos a diferença de como éramos recebidos (as) ao chegarmos no carro da Emater/RN. Enquanto antes as pessoas nos olhavam com desconfiança, passaram a nos recepcionar de forma mais natural que a situação podia oferecer.

Contávamos também com uma pessoa conhecida pela maior parte dos beneficiários (as): o motorista da Emater/RN.

À medida que continuávamos a nossa busca, víamos o quanto é sofrida a vida daquelas pessoas, mas que, ao mesmo tempo, estavam sempre prontos a nos receber.

Sexta-feira (17/11/2006) – tarde

Logo após o almoço, partimos para mais um local desconhecido e com sítios também distantes uns dos outros. E mais uma vez a falta dos apelidos nos impedia de irmos além.

Não conseguimos fazer muitos questionários nesta tarde, o que nos deixou bastante preocupados (as). Em menos de dois dias viajaríamos, e não havíamos feito metade dos questionários. Voltamos tarde à cidade.

Sábado (18/11/2006) – manhã

Na manhã deste dia, resolvemos ficar na cidade e ir à feira e ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, pois acreditávamos que os beneficiários (as) estariam no local para comercializar sua produção. Surpreendemo-nos com o fato de não ter encontrado muitos deles, pois isto demonstrou que a maior parte dos (as) mesmos (as) produz apenas para o consumo próprio.

Decepcionamo-nos com a quantidade de questionários realizados. Porém, a ida ao sindicato nos trouxe bons frutos: conseguimos alguns apelidos que provavelmente nos auxiliariam na busca da tarde.

Sábado (18/11/2006) – tarde

Depois de um almoço corrido, fomos entrevistar beneficiários (as) que residiam na cidade, mas ainda não eram em número suficiente para que concluíssemos a pesquisa no município.

Mesmo na cidade, verificávamos que eram precárias as condições de sobrevivência daquelas pessoas. A alimentação era pouco variada e, na agricultura, continuamos encontrando basicamente o feijão e o milho, raríssimas vezes alguma família possuía horta.

Depois que terminamos de fazer, na cidade, as entrevistas com os (as) beneficiários (as) da lista, seguimos mais uma vez para os sítios.

No caminho, conversamos com os professores para que fizéssemos a pesquisa aleatória com os (as) beneficiários (as) do Pronaf B. Assim o fizemos: fomos para outras comunidades e aplicamos os questionários restantes.

Nesses locais, vimos que as necessidades eram imensas: não havia saneamento, as escolas eram distantes e a alimentação bastante precária tanto em quantidade, quanto em variedade e qualidade, entre outros problemas.

Finalmente, aplicamos todos os 63 questionários de Apodi. Recebemos no local grande apoio da Emater/RN, a qual foi fundamental para a conclusão do trabalho.

Domingo (19/11/2006) – manhã

Saímos de Apodi por volta das 8:30h ou 9h em direção ao município de Antônio Martins, com cerca de 6.251 habitantes. Lá, deveríamos fazer 47 questionários.

Chegamos aqui com o apoio da Emater/RN de Apodi, que disponibilizou o carro e o motorista.

A cidade, apesar de pequena, possui uma infra-estrutura bastante organizada, o que, inclusive, nos deixou abismados, pois não esperávamos tanto em relação à cidade.

Ficamos em uma pousada, na qual fomos muito bem recebidos (as).



Foto 4: Entrada do município de Antônio Martins.

Domingo (19/11/2006) – tarde

Denunciei a fome como flagelo fabricado pelos homens, contra outros homens. (Josué de Castro)

Como havia um número considerado de beneficiários (as), resolvemos ficar na cidade mesmo naquela tarde. Dividimo-nos e seguimos em frente. Foi uma tarde bastante proveitosa; pude até sonhar junto com aquelas pessoas que esperavam por um futuro melhor.

Conversamos um pouco mais com cada um deles e fiquei frustrada em uma entrevista. Sempre imaginamos que deva haver infrações com relação à distribuição dos benefícios, mas o impacto é sempre forte quando nos deparamos com um desses casos. Enquanto vimos as dificuldades financeiras que a maioria dos (as) beneficiários (as) passa, vi um caso em que o beneficiário não possuía renda fixa, mas morava com a família e que, quando

se juntava a renda, o total, ultrapassava os R\$2.500,00 (dois mil e quinhentos reais).

Segunda-feira (20/11/2006) – manhã

Em Antônio Martins recebemos apoio tanto da Emater/RN, quanto da prefeitura, a qual nos cedeu um carro e disponibilizou um motorista para nos acompanhar. A Emater/RN nos forneceu a lista com os nomes dos (as) beneficiários (as) do Pronaf B, com seus respectivos apelidos, e onde poderíamos encontrá-los.

Sáimos para os sítios por volta das 8 horas. Desta vez contávamos também com um mapa da região, o que facilitou bastante nossa busca, além do vasto conhecimento do motorista que nos acompanhou.

Fomos muito bem recepcionados (as) nos locais visitados. Vimos no município que, apesar das benfeitorias do Governo Federal e do Governo Municipal, as pessoas ainda passam por grandes dificuldades, não dispendo de condições dignas para viver.



Foto 5: Trabalhador em terra seca

Trabalhador tentando, mesmo com a seca, retirar seu sustento.

Segunda-feira (20/11/2006) – tarde

Mais grave ainda que a fome aguda e total, devido às suas repercussões sociais e econômicas, é o fenômeno da fome crônica ou parcial, que corrói silenciosamente inúmeras populações do mundo. (Josué de Castro).

Logo após o almoço, voltamos a campo. E nesta tarde, fomos todos (as), os pesquisadores (as).

Costumávamos deixar sempre um (a) pesquisador (a) em determinado local e seguir adiante e, na volta, buscávamos e seguíamos adiante.

Fomos a locais mais distantes, nesta tarde. Chamou-me a atenção a minha última entrevista do dia, que, coincidentemente, na mesma casa, havia duas beneficiárias do Pronaf B sorteadas para entrevista mãe e filha. Eu entrevistei a mãe e um outro pesquisador entrevistou a filha.

Era uma casa com muitas pessoas; a situação de suas vidas era bastante complicada, mas nem por isso deixavam de sonhar com um futuro digno. Por várias vezes me emocionei, ao mesmo tempo em que tentava disfarçar o quanto aquela situação me incomodava.

Foi então que questionei ainda mais a tão discutida “neutralidade científica”, que por muitas vezes é colocada *a priori* na academia, no nosso caso, mais especificamente nas Ciências Sociais. De que forma manter imparcialidade diante de tantas desigualdades? Ou ainda, como aplicar, naquele instante, o que discutimos dentro da sala de aula?

Fiquei desnorteada por um momento.

Fomos embora já sem o sol e vendo nos olhos, daquelas pessoas, a necessidade real de sonhar e, principalmente, de conversar.



Foto 6: Mulher cozinhando

[...] Tende piedade da moça feia que serve na vida
De casa, comida e roupa lavada da moça bonita
Mas tende mais piedade ainda da moça bonita. [...]

O Desespero da Piedade (Vinicius de Moraes)

Terça-feira (21/11/2006) – Manhã

Iniciamos cedo o nosso caminho. Seguimos para outros sítios, dessa vez, mais distantes uns dos outros. Talvez tenha sido o momento mais difícil para encontrar os beneficiários (as) sorteados (as) em Antônio Martins. Na verdade, encontramos poucos (as).

Algumas vezes, quando procurávamos e não encontrávamos, era necessário voltar para buscar algum (a) entrevistador (a). Dessas vezes, acabávamos adentrando na casa dos (as) beneficiários (as) e conversando um pouco mais sobre suas vidas, indo além do que os questionários nos permitiam. Não me recordo, em Antônio Martins, de termos saído de alguma casa sem que nos oferecessem o melhor daquilo que possuíam, ou o café, feito especialmente para nós.



Foto 07: mulher coando café

“Vai que vocês vão pra um lugar onde as pessoas sejam muito pobres e não possam oferecer um cafezinho e uma bolacha como eu posso”.

Passei um café inda escuro
E logo me pus a caminho [...]
De novo provar seu cheirinho
Manhã bem cedinho na mata
O sol derramou seu carinho

Gabriela (Tom Jobim)

Por se tratar de lugares distantes e por termos ido e vindo diversas vezes, demoramos mais a retornar à cidade e, quando o fizemos, já encontramos a nossa espera o motorista da universidade, que nos levaria de volta, e um dos professores coordenadores da pesquisa.

Terça-feira (21/11/2006) – tarde

Almoçamos rapidamente e partimos dessa vez para sítios mais próximos e, a exemplo de Apodi, fizemos as últimas entrevistas de forma aleatória, mas sem tanto desespero como lá. Faltavam poucos questionários para que concluíssemos nosso trabalho na cidade.

Ao terminarmos, voltamos à cidade e nos preparamos para partir. Ao mesmo tempo em que sentíamos o alívio, pois estávamos de volta para casa, já começávamos a sentir falta das pessoas que nos acolheram tão bem. Já passávamos a recordar das experiências vividas tanto em Apodi quanto em Antônio Martins.



Foto 8: casa de um agricultor.

Palavras podem mentir,
mostrar dor grande ou pequena;
mas lágrimas que dão pena
ninguém as sabe fingir.
Pelo que, quando partir,
qual for a dor da partida
tal será nelas sentida.

Já não posso ser contente (Luís Vaz de Camões)

CONCLUSÕES

Após leituras prévias e discussões em sala de aula, acreditamos que a viagem tenha sido muito proveitosa.

Vimos, nos dois locais, que as condições alimentares são bastante precárias, havendo pouca variedade e quantidade de comida para que todos os membros das famílias se alimentem de acordo com a necessidade. Muitas

vezes, quando questionávamos sobre a quantidade, em especial, a resposta era quase unânime: “tem que dar”.

É difícil imaginar refeições baseadas apenas no feijão e no milho, isso quando os tinham. É também complicado pensar em como eram as condições de sobrevivência daquelas pessoas antes de receberem o benefício: os R\$ 1.000,00 (um mil reais) destinados aos (às) trabalhadores (as) rurais para melhorar suas condições, que, segundo os (as) mesmos(as), melhoraram. Como deveria ser antes, se hoje ainda é em situação de miséria que muitos vivem?

Ter visto o que Josué de Castro descreveu, há 60 anos atrás, nos deixou um tanto quanto descrentes em relação a mudanças, ao mesmo tempo em que a esperança daquelas pessoas, de que seu futuro seja próspero, fez crescer em nós a possibilidade de que essas mudanças ocorrerão.

REFERÊNCIAS:

CASTRO, Josué de. Fome um Tema Proibido. (org.): Anna Maria de Castro. Última Edição Civilização Brasileira 2003.

JOSUÉ DE CASTRO. Acessado em: 15/11/2006, às 15 horas. Disponível em: <<http://www.josuedecastro.com.br/port/index.html>>.

Fotos: Denes Dantas, Sabrina França, Thalita Costa.